

No seminário, diagnóstico sombrio

O 2º Seminário Sobre a Organização dos Sistemas de Saúde, aberto ontem às 9h, em Ceilândia, tem um grande objetivo: procurar uma direção única para a saúde e seu fortalecimento no setor público. O seminário termina dia 9 próximo e, segundo os organizadores, a única saída para a situação é a aprovação da Lei Orgânica da Saúde (no Congresso Nacional aguardando votação), que cria um sistema linear para atendimentos. Ontem, para uma platéia de pouco mais de 250 pessoas, o secretário de Saúde do GDF, Milton Menezes, abriu o encontro, que terminou às 17h, com o médico Angel Felipe Alfonso, de Cuba. Nesta terça-feira, em dois períodos, prossegue o seminário.

“No Brasil, o sistema de saúde tem que sofrer mudanças drásticas para ser mais eficiente e de maior resolutividade para a população”, afirmou Julival Fagundes Ribeiro, diretor da Coordenadoria Regional de Saúde de Ceilândia. Para o médico Eugênio Villaca, da Organização Pan-Americana de

Saúde, a saúde do País anda péssima. Ele cita números desses males: cinco milhões de chagásicos, seis milhões de pessoas com esquistossomose, 1,2 milhão que sofrem acidentes de trabalho, 500 mil casos de malária, 400 mil crianças morrendo por doenças para as quais já existem vacinas e sessenta crianças entre mil que nascem no País, que morrem antes de completar um ano.

DESCENTRALIZAÇÃO

Ribeiro defende a descentralização da saúde em sistemas locais. “As ações políticas e administrativas devem ser regionalizadas e hierarquizadas para um sistema de referência e contra-referência, em que tenha uma rede de serviços com níveis primário, secundário e terciário”, defende o coordenador do seminário.

Na visão financeira de Roberto Fontes Iunes, professor da Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, o Brasil gasta pouco com a saúde. Em 1987, segundo levantamento, foram gastos NCz\$ 269 milhões

em saúde pública. “Desse total, o Tesouro participou com apenas meio por cento do PIB, enquanto a Previdência Social ficou onerada. O País gasta em Saúde o equivalente a dois por cento do PIB”, revela Iunes, adiantando que os EUA gastam 11 por cento e a Inglaterra cinco por cento do Produto Interno Bruto.

SAÚDE CUBANA

Em Cuba são gastos em saúde, segundo o diretor nacional de Estomatologia da República de Cuba, Angel Felipe Alfonso, 980 milhões de pesos (1,- bilhão de dólares). “São 94,2 pesos gastos por habitante, o que significa cento e treze dólares por pessoa”, afirma Alfonso. Ele garante que a saúde do cubano é fundamental para o governo, tanto que “o tempo de vida do cubano é de 74,2 anos e o índice de mortalidade infantil é de 11 crianças para cada mil nascidas”.

O médico cubano afirma que as doenças mais graves em seu país são as do sistema cardiovascular e o câncer. A Aids chegou a Cuba há cinco anos.